

Arte poética: a imagem angelical na obra “Balada ao anjo” de Lília Silva

Job LOPES¹
Antonio Donizeti da CRUZ²

Resumo

Lília A. Pereira da Silva – uma artista de profunda sensibilidade que tece palavras precisas e formas que encantam e desencantam em versos que apresentam a magia de figuras que emergem das intermitências do interior. A artista publicou mais de cem livros em diversas áreas: poesia, romance, literatura infantil, Direito, Psicologia e Artes Plásticas. Busca-se nesse artigo uma reflexão da imagem angelical na obra poética “Balada ao anjo”, onde a voz lírica trilha uma melancólica travessia a procura de seu anjo – figura arquetípica que representa a saída da escuridão, a realização do amor. Valendo-se de teorias de Calvino (1990), Paz (1984), Freud (1974), entre outros teóricos, analisa-se a construção lírica da artista. Lília Silva colore seus versos com a magia fantasmagórica, com a exatidão de palavras e com um toque emocionante da sensibilidade de sua alma, dessa forma, estuda-se um eu poético que trilha uma caminha lúgubre e passa a viver da ausência da face de seu anjo, ou seja, da impossibilidade de amar. Com uma linguagem elaborada e uma latente imagística que permeiam seus versos, a escritora delinea realidade e fantasia, por meio, da matéria verbal.

Palavras-chave: Imagens. Anjo. Poética.

Introdução

Lília Aparecida Pereira da Silva nasceu na cidade de Itapira em São Paulo, em 1926. Pintora, desenhista, poetisa, psicóloga, escritora, jornalista e advogada. Tem publicado 103 livros nas áreas de Literatura: poesia, romance, literatura infantil, Artes plásticas, didáticos de Direito e de Psicologia. Atua como membro da Diretoria da Associação Internacional de Artes Plásticas - Comitê Brasileiro da Unesco, de 1971 a

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista da CAPES. E-mail: jobliteratura@hotmail.com

² Pós-Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: adonicruz@brturbo.com.br

1977. Em paralelo a essa atividade, recebe bolsa de estudos de Desenho e cursa a Faculdade Nacional de Desenhos (1974), em Porto Alegre. No ano seguinte, viaja para Virgínia, EUA, e faz doutoramento em artes plásticas pela Christian Orthodox Church Bielarys - Holy Heart College.

A poetisa Lília possui poesias versadas em inúmeros países. Foi à primeira oradora feminina no Salão Nobre da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em 1971. Representou o Brasil em Literatura, em Toluca, México (1972), e em Artes Plásticas, em Santiago no Chile (1974). Pertence a várias antologias nacionais e internacionais. Alguns dos títulos publicados pela escritora: Em 1991, *33 anos de Poesia* - 2 vol; Em 1994, *Mínimos Conceitos (poesias) e Contos Abstratos*; No ano de 1996, *Carnaval Brasil*; Em 1997, *Europeanas*; No ano de 2001, *Saia de cigana entre galáxias*; Em 2002, *Desenho e Pintura*; Em 2004, *Chuva de gatos verdes*; Publicado em 2005, *Diário na Suíça* e em 2006, *Histórias do espantalho pescador*, entre outros livros que abrangem a área da poesia, romance, histórias infantis, direito, teatro, psicologia, entre outros.

Em relação às artes plásticas, a artista possui várias exposições de suas obras em museus brasileiros e estrangeiros. Na composição de suas obras plásticas ela trabalha com acrílico, tela, esmalte, purpurina, colagem, alumínio, aquarela, entre inúmeros outros materiais. As obras de Lília Silva transcendem a alma e perpassam do figurativo ao abstracionismo, apresentando novas técnicas de perspectivas expressionistas e surrealistas.

Busca-se nesse artigo uma análise da obra “Balada ao anjo”, uma balada solene, melancólica e angustiante de um eu poético em busca de seu amor, de seu paraíso, das asas do anjo/amado que o resgatará das trevas de seu coração. Com base nas teorias de Calvino (1990), Hegel (1980), Chevalier (2003) entre outros, tenta-se compreender a construção lírica da artista Lília Silva que tece versos com sublime fascínio fantasmagórico, com a exatidão de palavras e com um olhar atilado para alma humana.

1 Imagens poéticas em “Balada ao anjo”

BALADA AO ANJO

Enquanto soletro a morte nos segundos,
onde tua face, anjo:
entre a ferrugem e a traça,
ou nos seixos da brisa
invisível?

Onde tua face, anjo:
em meus rastos no longo fio,
sob a sombrinha equilibrista
acima dos arranha-céus?
No pulso do outono,
Exaurindo-me?
Na solidão de uma pedra?
Em cada olhar
Julgado
Amigo?

Onde enviar os pássaros
de meu coração:
às luas nostálgicas,
aos faunos nauseantes
- ratos sagrados em meu corpo?

Onde usar minhas asas:
na oficina do caos que me desaba
ou no lume decepado
em suas feridas?

Onde tua face, anjo,
que dizem viver como perfil do mundo,
ou âncora, sei eu?

Onde tua face, se as pedras crescem
e pedregulhos agitam-se
em minhas pegadas?
Onde tua face, anjo,
para enxergar-me a lágrima
de um mundo a um?
(SILVA, 1991, p.211)

O sujeito da enunciação que constitui *Balada ao anjo* inicia o poema mergulhado em uma profunda tristeza sendo arrebatado pela escuridão de sua alma,

“Enquanto soletro a morte nos segundos”, o eu lírico se encontra impregnado em uma intensa angústia, um sofrimento que enreda não só as horas, mas cada suspiro de ar – de vida, onde os segundos tornam-se soletrados pelas trevas da desilusão. Para o crítico Eagleton “A tragédia é um prazer com um quê de terror, como naquela forma moderna do sublime conhecida como filme de terror. Ela nos permite confrontar e ensaiar a nossa própria morte, e assim, em certo sentido, desarmá-la”. (2010, p.309). Como bem coloca o autor, o sujeito poético ensaia dolorosamente sua morte, em segundos de agonia, de espera – por um encontro com seu amado.

Antes de lançar seu último adeus, o eu poético procura incessantemente seu anjo (amor), e essa incansável busca é a energia que o torna vivo. “Onde tua face, anjo: / entre a ferrugem e a traça / ou nos seixos da brisa/ invisível?”. Nos versos da poetisa, observa-se a procura de uma imagem desgastada pela ferrugem da tristeza ou corroída pela dor do tempo.

Assim, como um seixo, o eu poético se reduz a uma minúscula pedra, como se nada mais houvesse sentido em sua existência. Partindo da psicanálise de Freud, em relação aos estudos literários, “O afeto que corresponde à melancolia é o luto, ou seja, anseio por alguma coisa perdida. A melancolia, portanto vincula-se a uma perda, uma perda na vida instintiva...”. (1974, p.33). Dessa forma, compreende-se que o sujeito poético percorre em busca da face de seu enamorado, e assim reduz sua vida ao “nada”.

A palavra poética nos versos lilianos atua como uma força que recria sentidos e que intensifica emoções onde a poeta constrói e desconstrói universos do inconsciente, ora funestos como a morte, ora romantizados como seixos da brisa. Para Javier González, a palavra é sempre “manifestação profunda do ser” (1990, p.156). A escritora faz de seus versos um imaginário encantado, onde o eu poético bravamente tenta equilibrar-se sobre um fio, e além da extrema dificuldade de manter-se de pé, ainda necessita se equilibrar com uma sombrinha acima dos arranha-céus. Sobre essa fantástica fantasia criada por Lília, Itálo Calvino (1990, p.114) expressa:

Seja como for, todas as “realidades” e as “fantasias” só podem tomar forma através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões poliformas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos

ou maiúsculos, de pontos, vírgulas, de parênteses, páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

Valendo-se do que afirma o autor, a palavra poética de Lília mescla realidade e fantasia com os contrastes líricos e as cores da emoção que pincelam os versos como “pinturas” do interior. Segundo Cruz “a poesia é revelação da condição humana e, por essa razão, criação do homem pela imagem” (2008, p.140). Observa-se nos versos “Onde tua face, anjo: / em meus rastos no longo fio / sob a sombrinha equilibrista/ acima dos arranha-céus?”, um sujeito poético na triste busca por seu anjo, e assim sua existência vai caminhando pelo fio da morte, cada passo uma tentativa de equilibrar-se sob um precipício que cerca seu coração, um abismo tão profundo quanto à altura de um arranha-céu.

O eu lírico não consegue forças para florescer sua gana de viver e assim vai perdendo suas únicas folhas (esperanças), suas sobras de sonhos, como “No pulso do outono/ Exaurindo-me?”. E no meio dessa ventania fria do findar de sua existência todos os vértices de luz vão se dissipando e o eu poético exaurindo-se. “Na solidão de uma pedra? / Em cada olhar / Julgado / Amigo?”. O sujeito da enunciação encontra-se mais solitário que uma pedra, que um seixo, pois vive da decepção de cada olhar nostálgico, bem como de ter sido julgado, e sem a certeza de sê-lo amigo.

Na terceira estrofe do poema *Balada do anjo*, verifica-se a escolha poética de distintos símbolos que mostram versos que transcendem a realidade, assim guiando os pensamentos a “bosques inabitados” e a figuras imaginárias que o inconsciente esconde nas suas gavetas mais secretas. Analisa-se nos versos, “Onde enviar os pássaros/ de meu coração:/ às luas nostálgicas,/ aos faunos nauseantes/ - ratos sagrados em meu corpo?”, elementos que fazem refletir e que emergem das profundezas do ser. Conforme o teórico,

Digamos que diversos elementos concorrem para formar a parte visual da imaginação literária: a observação direta do mundo real, a transfiguração fantasmática e onírica, o mundo figurativo transmitido pela cultura em seus vários níveis, e um processo de abstração, condensação e interiorização da experiência sensível, de importância

decisiva tanto na visualização quanto na verbalização do pensamento. (CALVINO, 1990, p.110).

Partindo dos pressupostos do teórico, compreende-se que a escritora com um sensível olhar ao meio que a cerca, concebe imagens que transfiguram o real e atingem o universo onírico. Analisa-se nas imagens constituídas na terceira estrofe: pássaros do coração; luas nostálgicas; faunos nauseantes; ratos sagrados, uma “transfiguração fantasmática” como aponta Calvino em sua obra. Já para o crítico, Octavio Paz, “A imaginação torna palpáveis os fantasmas do desejo”. (1991, p. 77). Ou seja, quanto maior é o anseio do eu lírico pelo anjo, mais rápido se materializa sua fantasmagoria sentimental.

O eu poético segue angustiado sua dramática jornada, seus sentimentos palpitam em seu peito desejando voar como pássaros, uma aflição que lateja e que arde na vontade incessante de encontrar o anjo amado. Neste caminho a voz lírica se depara com noites de solidão e com o saudosismo de nostalgias aprisionadas por sua mente – de um amor que no passado foi consumado, e que, no entanto, se oculta no presente. De acordo, com o filósofo, “o desespero tem consciência de ser um ato e não provém do exterior como um sofrimento passivo sob a pressão do ambiente, mas diretamente do eu”. (KIERKEGAARD, 2004, p. 65). O sujeito poético passa a desfalecer em razão da sua frustrante vida amorosa, e principalmente por tentar desesperadamente reaver o que se perdeu.

A autora enriquece seus versos com fantásticas imagens, dentre elas, algumas relacionadas à mitologia grega “aos faunos nauseantes/ - ratos sagrados em meu corpo?”. No poema, o sujeito da enunciação reside mergulhado nas trevas da melancolia, mas ainda encontra em seu corpo o vigor dos anseios carnis (faunos³), ou seja, os estímulos sexuais que tornam-se “nauseantes” pela ausência do seu enamorado. Dessa forma, suas volições de vivenciar esse prazer roem e consomem sua existência como “ratos sagrados” pelo desejo dessa consumação irrealizável.

³ Segundo o Dicionário de mitologia greco-romana, “os faunos eram divindades romanas campestres, possuíam o corpo humano, com chifres e pés de bode”. (CIVITA, 1976, p. 72). De acordo com a mitologia grega, possuíam as características de apresentarem grande potência sexual. Assim, eram retratados, por muitos pintores gregos, apresentando ereção.

Destacam-se nos versos, as indagações do sujeito poético que reflete sobre si e sobre o Outro. Uma tessitura de palavras e expressões que se (re) inventam a cada estrofe construindo novos questionamentos, de um Eu em busca de sua verdade, e ao mesmo tempo, da salvação de sua alma, através de um anjo – que o levará a morte ou ao amor. Para o pesquisador literário, “É por meio da imaginação e da concretização da poesia que o ser humano consegue dar forma às coisas mais tênues, evanescentes e se auto-afirmar”. (CRUZ, 2008, p. 141). Partindo das palavras do autor, entende-se que os versos lilianos com extrema sensibilidade concebem figuras trágicas da infelicidade existencial resultante do profundo descortino da poeta.

Nos versos, “Onde usar minhas asas:/ na oficina do caos que me desaba/ ou no lume decepado/ em suas feridas?”. O sujeito lírico tenta voar desse sofrimento que o consome, mas para onde? Para quem? Perguntas se sucedem na falta de respostas. O caos – que decorre da ausência de Eros desequilibra a mente do sujeito poético, assim, a oficina passa a ser habitada pelo desamor de um sentimento em chamas, e que, é decepado pelas feridas causadas pelo ser angelical.

A construção poética de Lilia Aparecida Pereira da Silva configura versos fluentes, elaborados e precisos. Com um toque contemporâneo a poeta emerge figuras que exalam infindas emoções que colorem sua obra com contornos singulares de ver o mundo. Segundo o filósofo,

Será necessário que as ideias e impressões que o poeta descreve, sendo pessoais, conservem, todavia um valor geral, quer dizer, sejam autênticos sentimentos e considerações capazes de despertar em outras pessoas sentimentos e considerações latentes, despertar esse que só pode ser dado graças a uma expressão poética viva. (HEGEL, 1980, p. 218),

Valendo-se das palavras de Hegel, os versos da poeta em toda sua estrutura “gritam” uma expressão poética viva que se mostra fortemente nas suas figuras líricas que transcendem o mundo real. Observa-se em *Balada do anjo* um sujeito poético que segue uma rota de indagações, “Onde tua face, anjo/ que dizem viver como perfil do mundo/ ou âncora, sei eu?”, nessa trilha a felicidade do eu lírico torna-se a cada estrofe mais distante, pois a face de seu amor, vai permanecendo oculta. Por conseguinte, ele

busca motivos para que seu amado retorne, comparando Eros com um círculo igual ao “mundo” onde por mais voltas que se dê, retorna-se ao mesmo ponto, pois a circularidade é interrompida, ou ainda, como uma âncora que não permite que o barco afunde, por mais torrentes que sejam as águas. Enganado por essa ilusão, o sujeito da enunciação vai prendendo-se a solitárias lembranças em meio a uma desgastante procura.

Na última estrofe, “Onde tua face, se as pedras crescem/ e pedregulhos agitam-se em minhas pegadas?”. O eu lírico vai percorrendo um caminho árido em busca de uma face inavistável que torna sua angústia uma ferida incurável. Compreende-se que o eu poético estrutura as bases de sua existência na procura por um anjo perdido, enquanto sua vida vai sendo anulada pela ausência de outrem.

O sujeito poético vai se exaurindo, se tornando sombra por estar voltado a uma busca impossível que reside no platonismo de seu coração e na fantasia de seu imaginário. Nos versos finais, “Onde tua face, anjo, para enxergar-me a lágrima/ de um mundo a um?”. As perguntas permanecem, a face segue oculta e o amor irrealizável. Entretanto, uma certeza entre todas as interrogações do poema se constitui, de que se pode enxergar a lágrima de um mundo a um – a solidão e a tristeza de um eu lírico que caminha solitariamente no anoitecer de suas recordações, na jornada ao encontro da morte e não do amor. “A inquietação ante o sentimento de alguma coisa perdida, de um vazio a ser preenchido. Como o que se perdeu não retorna, o romântico assume e trata mesmo de evidenciar o luto” (VIANA, 1994, p. 35). E nessa estrada escura, o sujeito enunciativo começa os versos iniciais dessa balada e, assim, termina, sem resposta, sem anjo, sem vida.

Segundo Octávio Paz, é a consciência do fim que leva o ser humano ao amor, “O amor é uma das formas que o homem inventou para olhar a morte de frente. Pelo amor roubamos ao tempo que nos mata umas quantas horas, que transformamos, às vezes, em paraíso e outras em inferno” (1994, p. 92). Na acepção do crítico, o eu lírico vive em um inferno causado pelo sofrimento de uma procura exaustiva por um ser inexistente – a falta decorrente desse sujeito torna a travessia do eu poético vazia, agonizante e a morte surge como uma possibilidade para estancar a dor. Assim, considera-se que ao encontrar o anjo/o ser amado, o sujeito da enunciação estaria encontrando o paraíso.

2 Poesia e figurativismo

Nos versos do poema “Balada ao anjo” se observa um constante figurativismo que é uma das principais características da poesia lílica. A escritora delineia as mais latentes emoções que se personificam em suas imagens. O jornalista Quirino Silva discorre sobre o figurativismo da autora,

Uma vez dentro desse luminoso mundo, a artista procura o universo do encantamento e do desencantamento das coisas da vida. Entrelaçando, às vezes, as figuras, Lília as obriga a revelar, “sem máscara”, a sua miserável dependência humana. Confessa, a pintora preferir o figurativismo. Esta preferência decorre das muitas pesquisas abstracionistas, tachistas. (1962, p.81).

Com uma linguagem suave e encantadora a poesia de Lília vai se articulando com figuras do imaginário e do inconsciente humano que refletem bucólicas e efêmeras nuances da travessia do sujeito poético. Nessa estrada, o eu lírico expressa seus anseios e angústias, por meio, de imagens, que revelam o teor de seus sentimentos. Partindo de estudos simbólicos, “O símbolo tem precisamente essa propriedade excepcional de sintetizar, numa expressão sensível, todas as influências do inconsciente e da consciência, bem como das forças instintivas e espirituais...”. (CHEVALIER, 2003, p. 14). Compreende-se que reside na palavra poética da poetisa a síntese exata do interior que configura símbolos que transgridem a facúndia dos seus versos.

Na primeira estrofe do poema, há duas imagens em contraposição: Morte e anjo. Uma antítese criada pela autora, para manifestar a dualidade dos sentimentos que o eu poético passa a viver. Assim, o sujeito lírico caminha, entre a expectativa de viver – do amor (anjo) e da possibilidade de desistir – de permanecer em uma eterna melancolia (morte), dessa forma, se encontra na solidão de um “entrelugar” denominado pelo teórico, “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade...”. (SANTIAGO, 2000, p.26).

Esses sentimentos contraditórios de viver/morrer se figuram nas estrofes da poetisa como consequência natural da vida humana, isto é, segundo Eliade, “A oposição sagrado/profano traduz se muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo real”. (1992, p. 14). Conforme o autor, o sujeito poético se alimenta da dor pela busca de seu anjo – sofrimento de uma procura real na tentativa de vivenciar um amor platônico – irrealidade.

A ferrugem e a traça emergem como figuras da melancolia que vai corroendo e deteriorando aos poucos o coração do eu poético. Os seixos e a brisa pintam um cenário romântico – como sublimidade do eu lírico em acreditar no amor. Na segunda estrofe, “anjo, fio, sombrinha equilibrista, arranha-céus, outono, pedra, amigo” são figuras que se destacam nos versos, cujo anjo se pode analisar como imagem recorrente que se torna a raiz do poema, pois a existência do sujeito lírico se concebe pela busca do anjo-amado. De acordo com Quirino Silva,

As linhas de sua grafia, puras e livres, fixam os seus momentos de poesia, que um anjo está sempre a proteger. O anjo e o palhaço emergem em quase todas as suas composições. A ideia do anjo não abandona a artista. Tanto que, quando ele se ausenta, Lília vê em quase tudo que a rodeia as asas do seu anjo. (1962, p.70).

Sem perder de vista esse anjo que alimenta sua alma e completa seu coração, o eu poético se volta a persistente e sofrida procura pela felicidade de uma existência que se constitui pelo amor ao Outro e não a si. As figuras fio, sombrinha equilibrista, arranha-céus, outono, pedra, representam a total dependência de como estar preso a um fio; vulnerabilidade e insegurança na tentativa de equilibrar-se com uma sombrinha; distância e temor de uma edificação oponente como um arranha-céu; frio e instabilidade causado pelos ventos do outono; a solidão de um vazio representado pela pedra. E, por fim, a doce figura do amigo aquele que cuida, compreende e se faz presente, seria ela a única a fugir dos adjetivos fúnebres dessa triste estrofe, senão fosse acompanhada pela incerteza de um ponto de interrogação que a torna – como uma dúvida angustiante do eu lírico.

Imaginação, fantasia e palavra poética estão concatenadas na lírica de Lília A. Pereira da Silva. Por meio, da precisão de suas palavras e do ritmo melódico do seu

poema ocorre uma poesia singela e encantadora. Na terceira estrofe, aparecem as imagens: pássaros, coração, lua, faunos e ratos. De acordo com Chevalier, “O pássaro símbolo da alma, tem um papel de intermediário entre a terra e o céu”. (2003, p. 688). Compreende-se que o sujeito poético encontra-se em um estado de limbo, ou seja, atingirá o céu se encontrar seu anjo e só voltará para terra se desacorrentar-se dessa tristeza que o consome.

Os versos lilianos buscam na imaginação uma via para alcançar um conhecimento extra-individual, assim como Calvino também expressa,

Sempre busquei na imaginação um meio para atingir um conhecimento extra-individual, extra-objetivo; portanto seria justo que me declarasse mais próximo da segunda posição, a que a identifica com a alma do mundo. (1990, p.106).

As figuras lua e coração representam a condição sentimental do eu poético, partindo dos pressupostos de Chevalier (2003), a lua seria um reflexo do sol, assim, o sujeito da enunciação se vê como um reflexo do seu amor que é o sol de sua existência e a luz mais intensa de sua alma. A imagem do coração emerge como centro das emoções – é a fonte que emiti a energia para o eu lírico prosseguir em busca de seu anjo, mas também é o local onde nascem dores incictrizáveis. Os faunos e ratos imagens sombrias se revelam no poema como estímulos positivos (faunos) e negativos (ratos) que despertam no interior do sujeito lírico.

Percebe-se que a poesia liliana articula imagens surreais com emoções da alma num sensível encontro entre mente e coração. Segundo Hegel,

O estado de alma mais instantâneo, os alheios do coração, os relâmpagos de alegria, a tristeza e a melancolia, as lágrimas, enfim toda a gama de sentidos nos seus movimentos mais rápidos e acidentados mais variados permanecem fixos e eternizados mediante a expressão verbal. (1980, p. 223).

Valendo-se do que afirma o autor a expressão verbal dos versos de Lília A. Pereira da Silva busca a força profunda das palavras constituídas nos poços da alma e do inconsciente. Na quarta e na quinta estrofe, a imagem do anjo reaparece com suas asas, com o poder de resgatar o eu lírico das trevas de seu coração representado pelas

figuras da âncora, lume, caos e feridas que expressam o sofrimento de um ser incompleto, que só encontrará a completude em seu anjo.

Para o autor Paul Valéry, “... a poesia é uma arte da linguagem”. (1991, p. 205), observa-se nos versos de “Balada ao anjo” que o fazer poético se manifesta na tessitura de palavras, sons, formas e imagens que configuram um universo imaginário e ao mesmo tempo emotivo que assim como, audaciosos “passos de balé”, elaboram uma dança de versos que encanta e emociona. “Efetivamente, enquanto o andar é, em suma, uma atividade bastante monótona e pouco perfectível, essa nova forma de ação, a Dança, permite uma infinidade de criações e de variações ou configurações” (VALÉRY, 1991, p. 211). Assim, considera-se que, apesar dessa balada como diz o título do poema ser de um sujeito lírico que padece de amor, ela configura movimentos exatos, sublimes e românticos.

Na última estrofe, as imagens: pedra e pedregulho surgem como obstáculos, barreiras que se constituem na estrada do eu poético. As figuras, pegadas, anjo, lágrima, mundo e um, isto é, compõem um campo semântico que expressa à dor de um eu lírico a procura de uma saída desse obscuro caminho que se encontra. Porém, as únicas saídas existentes para ele é a morte ou o amor. Segundo o crítico, é a consciência do fim que leva o ser humano ao amor, “O amor é uma das formas que o homem inventou para olhar a morte de frente. Pelo amor roubamos ao tempo que nos mata umas quantas horas, que transformamos, às vezes, em paraíso e outras em inferno”. (PAZ, 1994, p. 92).

Valendo-se dos pressupostos de Paz, o sujeito poético vive acorrentado a um inferno causado pelo sofrimento de uma procura incansável por um sentimento inexistente – a falta causada por esse sentimento torna a travessia do eu poético vazia, incompleta e a morte surge como uma possibilidade para estancar o desespero. Assim, considera-se que ao encontrar o anjo/o ser amado, o eu lírico estaria encontrando o paraíso.

Considerações Finais

A construção poética da escritora reside em formas precisas, no figurativismo e numa extrema sensibilidade que emerge fortemente em seus versos. O imaginário constituído em sua obra é povoado por imagens intensas que revelam as lacunas da alma. Em “Balada ao anjo” se analisa uma imagem angelical que se constitui como figura arquetípica do ser amado – constantemente buscado pelo eu lírico. O sujeito poético trilha uma estrada melancólica a procura do seu amor, da face perdida de seu anjo. Na incansável busca por seu enamorado, o sujeito enunciator vai exaurindo sua existência para se voltar a uma angustiante e dolorosa jornada ao encontro de um sentimento idealizado e platônico que faz de seu subsistir um entrelugar – entre céu e inferno. E nesse limbo que se enreda, ele vai soletrando a morte nos segundos como expõe Lília em seus versos.

Para Psicanálise, valendo-se das teorias de Freud e Viana, o eu poético vive da ausência, do anseio desse sentimento perdido, é esse desejo de realização que o faz um ser existente pela incompletude. Dessa forma, o eu lírico navega pelos versos da obra carregando o sofrimento da impossibilidade, almejando a imagem de um anjo inexistente.

Valendo-se de Cruz e Valéry a respeito da lírica da poeta, se entende que seus versos revelam a condição humana representada por imagens que se configuram como uma arte da linguagem, isto é, com movimentos e formas que encantam. Com base nas teorias de Calvino, o ato imaginativo dos versos lilianos articula realidade e fantasia que tomam forma, por meio, da polidez de suas palavras. Com uma observação singular e apurada do mundo, Lília transcende a realidade com figuras que desvelam as angústias e intermitências da alma.

Referências

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CIVITA, Victor (editor). *Dicionário de mitologia greco-romana*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionários de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CRUZ, Antonio. Palavra poética e experiência religiosa em Rodrigo Pitta: uma leitura de Água, Gasolina e a Virgem Maria. In: ALVES, Lourdes; CRUZ, Antonio. *Poética e Sociedade: Interfaces literárias*. Cascavel, Edunioeste, 2008.

EAGLETON, Terry. BEAUMONT, Matthew. *A tarefa do crítico*. Trad. Matheus Corrêa. São Paulo, Ed. Unesp, 2010.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia* in: Edições Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GONZÁLEZ, Javier. *El cuerpo y la letra: La cosmologia poética de Octavio Paz*. México Madrid – Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 1990.

HEGEL, Georg. *Estética. Poesia*. Lisboa: Ed. Guimarães, 1980.

KIERKEGAARD, Sören. *O conceito de angústia*. São Paulo: Hemus, Livraria Editora Ltda, 1968.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.

SILVA, Lília Pereira. *Trinta e três anos de poesia*. 1. ed. São Paulo: Editora JS, 1991.

SILVA, Lília Aparecida da. Diário da noite. 1964 In: SILVA, Lília A. Pereira da. *Desenho e pintura*. São Paulo: Scortecci, 2002, p.103.

SILVA, Quirino. Diário da noite. 1962 In: SILVA, Lília A. Pereira da. *Desenho e pintura*. São Paulo: Scortecci, 2002, p.70.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo, Iluminuras, 1991.

VIANA, Chico. *O evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1994.

VILLARI, Rafael Andrés. *Literatura e psicanálise: Ernesto Sábato e a melancolia*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.